

INSTITUTO HISTORICO
E GEOGRAPHICO DE MINAS

BIOGRAPHIA

DO

Dr. Francisco de Mello Franco

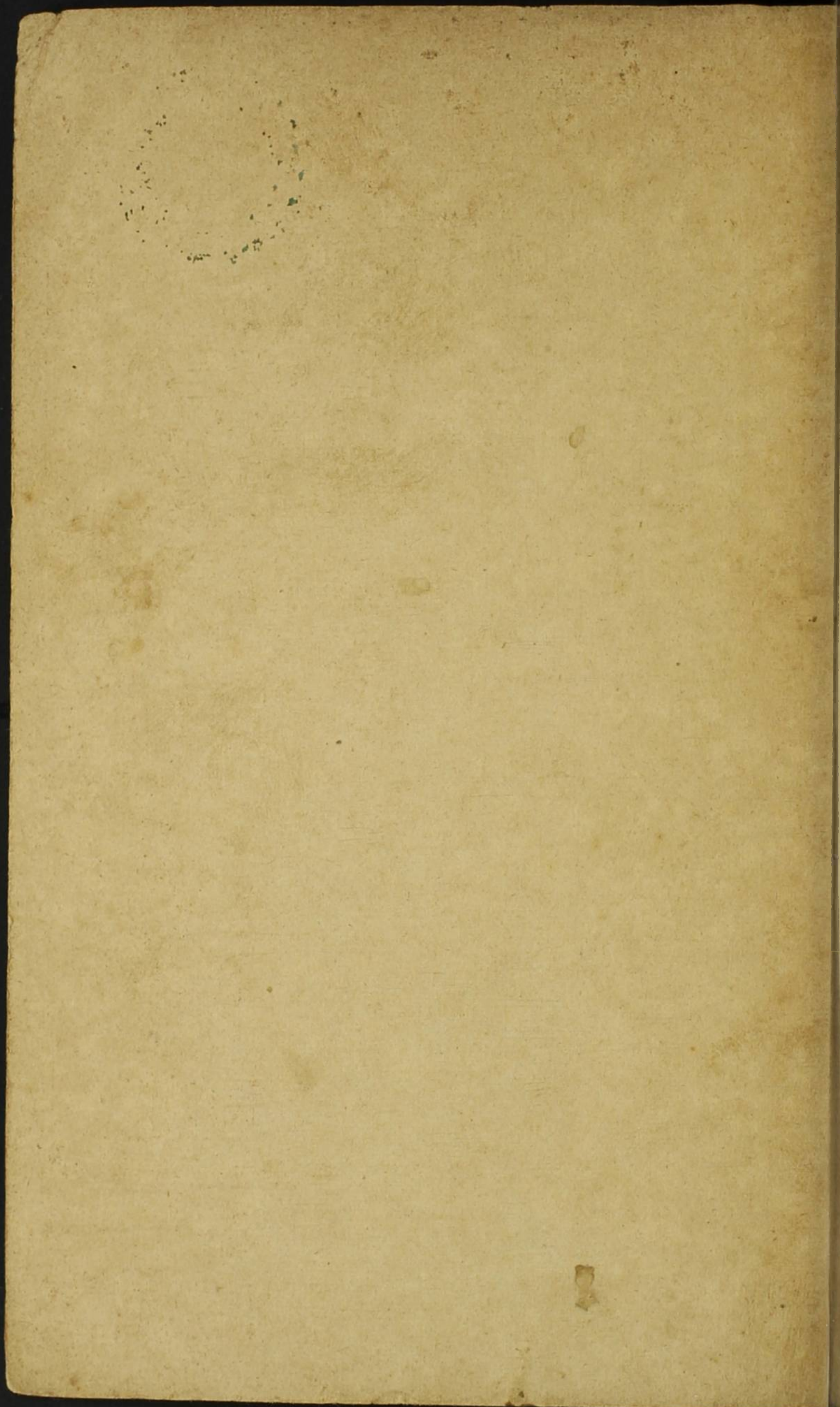
PELO

Dr. F. A. Pereira da Costa

Publicada por ordem de s.
exc. o sr. dr. Delfim Morei-
ra, secretario do Interior,
para ser distribuida pelos
institutos de ensino e asso-
ciações scientificas.



BELLO HORIZONTE
IMPRESA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS
1913





60

LIVRARIA BRAZILEIRA
DE
TANCREDO DE BARROS PAIVA
132, Rua do Lavradio, 132

Annuncia às Terças-feiras
no "Jornal do Commercio"





LIVERPOOL
MAY 1848
THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM AND ARTS
DEPARTMENT
OF THE
CITY OF LIVERPOOL

INSTITUTO HISTORICO
E GEOGRAPHICO DE MINAS

BIOGRAPHIA

DO

Dr. Francisco de Mello Franco

PELO

Dr. F. A. Pereira da Costa

Publicada por ordem de s.
exc. o sr. dr. Delfim Morei-
ra, secretario do Interior,
para ser distribuida pelos
institutos de ensino e asso-
ciações scientificas.



BELLO HORIZONTE
IMPRESA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS
1913



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

RECEIVED
JAN 10 1900

Instituto Historico e Geographico de Minas

Biographia do dr. Francisco de Mello Franco, natural de Paracatú, pelo dr. F. A. Pereira da Costa, offerecida ao Instituto Historico e Geographico de Minas, pelo barão Homem de Mello, socio correspondente

«O meu finado amigo e parente dr. F. A. Pereira da Costa escreveu a meu pedido a biographia do preclaro brasileiro dr. Francisco de Mello Franco, que tanto honrou a Patria e a sciencia na ultima parte do seculo 18 e principios do seculo 19. E' um documento precioso por ter sido escripto por um amigo intimo de Mello Franco, creado e educado em sua casa, e que com elle conviveu por muitos annos. Mais do que uma biographia, a sua narrativa é uma historia authentica dos acontecimentos da época.

O dr. Pereira da Costa, distincto medico da armada, é o auctor da Historia da Campanha do Paraguay, em 4 volumes, obra do maior merecimento, só egualada pela grande obra do conselheiro Schneider, annotada pelo barão do Rio Branco.

Guardando em minha bibliotheca este precioso manuscripto, ha mais de 40 annos, entendi que de direito devia elle pertencer a este Estado como memoria imperecedoura de um de seus filhos mais illustres.

A vida de Mello Franco fôra escripta em 1831 pelo meu finado amigo senador José Martins da Cruz Jubim, director da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, e resumida pelo sabio dr. Sigaud em sua preciosa obra—«Du climat et des maladies du Brésil.»

A vida de Mello Franco é um dos exemplos mais edificantes da contingencia das cousas humanas. Seu fallecimento, em circumstancias tão dolorosas em sua volta de Santos para o Rio de Janeiro, foi o termo final de tantos soffrimentos de uma existencia toda consagrada ao bem da humanidade. Nunca é tarde de mais para se render o preito devido á memoria tão veneravel. Pagina tão luctuosa impõe á Patria o dever de mandar collocar uma lapide commemorativa junto á cruz que proximo à ilha de S. Sebastião assignala o jazigo esquecido do eminente brasileiro.

O manuscripto do dr. Pereira da Costa pertence hoje ao Instituto Historico Mineiro, ao qual o offereci.

Bello Horizonte, 12 de maio de 1913.— *Barão Homem de Mello.*»

Em meio do seculo passado veiu de Portugal para o Brasil um homem que se chamava João de Mello Franco; não se sabe o logar da sua naturalidade nem a familia a que pertencia.

Do Rio de Janeiro seguiu para a Provincia de Minas Geraes, e foi residir na villa de Paracatú.

Ahi casou-se com d. Anna Caldeira, filha de um dos principaes lavradores daquella villa. João de Mello Franco teve do seu casamento onze filhos, nove filhas e dois filhos; o filho mais velho foi Francisco de Mello Franco, que nasceu a 17 de setembro de 1757; seguiram-se as 9 filhas, e o ultimo filho foi Joaquim de Mello Franco, depois vigario de Paracatú.

João de Mello Franco destinou seu filho mais velho para o estudo da medicina, como si tivesse um presentimento de que elle mais tarde honraria a memoria de seu pae, o nome brasileiro.

Depois de receber em Paracatú a educação que naquelle tempo, e em logar tão remoto do interior do Brasil se podia dar, que de certo era

muito limitada, veio para o Seminario de S. Joaquim desta côrte, onde estudou por dois annos.

Seu pae esperava que, quando elle acabasse os estudos de medicina voltasse para o seu paiz natal, mas o acaso determinou o contrario.

Com quasi 14 annos de idade foi para Lisboa, em cuja Capital se demorou alguns mezes a estudar latim, com o litterato Fonseca e seguiu para Coimbra em cuja Universidade se matriculou; na viagem para a Europa foi em companhia de Paulo Fernandes Vianna, joven fluminense que ia tambem estudar e formar-se em direito.

Naquelle tempo, não só em Portugal, como em toda a Europa, os conhecimentos medicos eram muito limitados; muito pouco se sabia de physiologia, de pathologia interna, de materia medica e de chimica; tambem o estudo da anatomia era muito imperfeito pela difficuldade de obter cadaveres; finalmente no seculo passado não se sabiam os meios de conhecer as molestias dos orgãos contidos na cavidade thoraxica pela percursão e auscultação; basta relatar estes factos para se ver qual era o estado da medicina em Portugal, e o que os lentes de Coimbra podiam explicar de uma sciencia tão difficil e tão atrazada naquelle reino, e que só em principio deste seculo é que fez progressos em França; mas o

talento de Mello Franco e a habilitade que tinha para a medicina, suppriu a falta dos lentes, muitas vezes lhes notou os seus erros e as falsas doutrinas que explicavam.

Mello Franco era dotado de um juizo recto e justiceiro, de um character severo e grave, que muito distingue os mineiros.

Ainda na idade de 16 annos já se podia dizer que era homem de talento e de resolução; e não podendo supportar a incapacidade de alguns professores e destruindo os seus argumentos, ou as doutrinas que ensinavam, adquiriu tantos inimigos que o accusavam de irreligioso perante a Inquisição em cujos carceres esteve algum tempo; ahí escreveu as poesias a que deu o nome de — Noites sem somno. — nas quaes descreve as perseguições da Inquisição.

Mello Franco depois de solto casouse com d. Rita de Castro, senhora pertencente a uma familia distincta da cidade de Coimbra, e continuou os seus estudos.

Por este tempo estudava tambem em Coimbra outro brasileiro, que depois se tornou notavel pelos seus talentos e posição que soube adquirir, primeiro em Portugal e depois no Brasil; trato de José Bonifacio de Andrada e Silva, de quem diremos alguma cousa, por ter intima relação com o objecto de que tratamos.

José Bonifacio e Mello Franco, íntimos amigos desde que se conheceram em Coimbra, terminaram os estudos ao mesmo tempo.

José Bonifacio casou-se também em Coimbra com uma senhora natural daquela cidade, de nome d. Narcisa, oriunda de uma família franceza que tinha emigrado para Portugal, e de cujo consorcio teve duas filhas, d. Carlota, já fallecida, e d. Gabriella, que ainda existe na Capital de S. Paulo.

Francisco de Mello Franco obteve o grau de bacharel em medicina em julho de 1786; o seu diploma tem a data de 4 de agosto deste anno (n. 1).

Ao deixar a Universidade escreveu o poema que tinha por titulo — O Reino da Estupidez. — do qual foi collaborador seu amigo José Bonifacio; este poema, que descrevia a estupidez dos lentes e do reitor da Universidade de Coimbra, chegou á côrte de Lisboa, e o governo de D. Maria 1.^a admirado de se publicar um tal papel, deu algumas providencias, mudou o reitor e fez algumas reformas mais necessarias.

Francisco de Mello Franco retirou-se para Lisboa, e levou um filho que tinha nascido em Coimbra, de nome Justiniano, de um anno de idade, e foi residir na rua de Santo Ambrosio, freguezia de Santa Izabel, á espera que pudesse transportar-se para o Brasil

Então se separaram os dois amigos, porque José Bonifacio foi mandado pelo governo de D. Maria 1.^a visitar as academias e universidades da Allemanha, em cuja digressão gastou alguns annos.

Foi no fim do seculo 18.º que appareceram muitos brasileiros illustres em Portugal, aonde se distinguiram pelos seus talentos, e occuparam logares importantes nos diferentes ramos da administração do Estado, e longe iriamos si delles quizessemos tratar; a este respeito devemos louvar o governo portuguez daquella época, que soube distinguir e honrar aos brasileiros illustres pelos seus conhecimentos litterarios.

Francisco de Mello Franco não poudere regressar para o Brasil, como desejava, porque o seu correspondente em Lisboa não lhe proporcionou meios pecuniarios; viu-se assim obrigado a exercer a sua profissão em Lisboa.

Como acontece geralmente e quasi sempre a todos os medicos novos, são primeiro conhecidos dos pobres do que dos ricos.

Pouco tempo depois que Mello Franco chegou a Lisboa, tratou a uma mulher pobre, que morava na sua vizinhança, a qual tinha familiaridade com a condessa de Obidos; esta fidalga achava-se gravemente doente, tendo ja sido tratada por outros medicos sem obter resultado algum; esta mulher aconselhou á doente

que chamasse o medico que tinha chegado de Coimbra ; com effeito, Mello Franco curou a condessa de Obidos em pouco tempo.

O restabelecimento daquella fidalga da primeira grandeza de Lisboa, fez conhecido o medico que a tinha curado, e em pouco tempo o seu credito ficou estabelecido.

Da rua de Santo Ambrosio, onde tinha principiado o seu exercicio clinico, mudou sua residencia para a rua do Arco, freguezia de S. Mamede ; nessa segunda morada, aonde se demorou alguns annos, nasceram suas duas filhas, d. Anna e d. Maria, e um filho, que teve o mesmo nome de seu pai.

Alguns annos depois da sua residencia em Lisboa, Mello Franco, estando muito acreditado e ganhando muito dinheiro, abandonou a idéa de voltar para o Brasil.

Na casa da rua do Arco, em 1797, faileceu sua mulher.

Com o producto de mais de oito annos de clinica mandou construir dois grandes predios na travessa de Santo Amaro, freguezia de Santa Izabel.

Um destes predios tinha um andar com seis janellas de grades de ferro, divididas em tres salas na frente e sotão ; um andar terreo, cocheira, estribaria, grande jardim com tanque de marmore, quintal separado para differentes culturas ; o segundo predio immediato ao pri-

meiro, tinha tres andares, e cada um dividido em dous moradores.

Para o primeiro predio, que podia accommodar 20 pessoas nos muitos compartimentos dos tres pavimentos foi residir o dono em 1797: nesta casa, tão grande, com tantas commodidades, na qual se encontrava recreio no verão e agasalho no inverno, o que tudo naquelle tempo podia ter custado doze contos de réis, por serem os jornaes dos operarios 300 e 400 réis cada dia, foi morar Mello Franco com seus 4 filhos menores, tres criadas e tres criados: tinha já então muita popularidade em Lisboa.

Ahi principiou a ser visitado por grande parte da aristocracia daquelle Capital, muito respeitado pelo povo, que o conhecia, e a quem elle fazia muitos beneficios.

Depois que foi residir na sua casa da travessa de Santo Amaro, adoeceu a marquezia de Niza, tendo ataques de asthma, que se aggravavão durante a noite; morando a uma legua de distancia da casa de Mello Franco, este medico que tinha sido chamado para a tratar, recolhia-se para sua casa ás vezes ás tres horas da manhã. O restabelecimento desta fidalga fez ainda mais conhecido o medico que a tratou.

A prosperidade de Mello Franco continuava do mesmo modo; pelos annos de 1802 e 1803 fez construir mais dous predios em Lisboa, um

na mesma rua em que morava, e outro na rua Formosa.

Em 1793, achando-se a rainha d. Maria 1^a. doente de uma affecção cerebral, molestia que, segundo a opinião bem fundada de diversas pessoas, lhe foi imputada para lhe tirarem o governo, como aconteceu, passando logo seu filho mais velho, o principe d. João, a governar em nome della, foi Mello Franco chamado para ver a rainha em conferencia com os medicos que a tratavão, pelo que recebeu logo o decreto que o nomeou medico honorario da Camara real: este decreto tem a data de 9 junho se 1793. (Documento n. 2).

Mello Franco não concordou com os medicos que tratavão da rainha sobre o diagnostico da molestia, e por este motivo foi dispensado de voltar ao paço.

Ou fosse a molestia imputada, ou não, o que é certo e foi confirmado é que os medicos que a continuaram a tratar puzeram-n'a em tal estado, que nunca mais tornou a governar: si a enfermidade foi no principio imputada, depois tornou-se real.

Por aquella divergencia, o principe d. João nunca mais ficou affeccionado a Mello Franco. Elle continuou do mesmo modo a exercer a sua profissão, tendo cada dia maior nomeada, e pouco se importou com a opinião dos medicos que diziam que a rainha estava alienada.

Em 1805 mandou seu filho mais velho, Justiniano, estudar medicina na Universidade de Goetingue na Allemanha.

E' sabido de todos que têm lido a historia de Napoleão 1.º os motivos que elle pretextou para mandar invadir a Peninsula por um exercito de 80.000 homens. A maior parte desta força ficou em Hespanha, e veio o general Junot com 30.000 homens para invadir Portugal.

□ Neste reino havia pouca tropa, não existia exercito organizado para se oppor á entrada dos francezes, apesar destes chegarem em circumstancias muito precarias para fazerem guerra; com facilidade elles teriam sido aniquilados, si o exercito portuquez estivesse preparado para os receber; o governo que ficou em Lisboa não oppoz resistencia, de modo que occuparam Lisboa sem dar um tiro.

O principe d. João embarcou com toda a sua familia, muitos fidalgos, officiaes, generaes e muitas outras pessoas de elevada jerarchia na esquadra portugueza que constava de 10 naus de linha, 1 fragata, e outras embarcações menores, e sahiu de Lisboa para o Brasil a 29 de novembro de 1807: no dia seguinte de manhã entraram os francezes em Lisboa.

Durante a invasão de Junot em Lisboa, que foi desde 30 de novembro de 1807 até 15 de setembro de 1808, Mel-

lo Franco que não quiz acompanhar a familia real portugueza para o Brazil, vindo nessa occasião alguns dos seus amigos e patricios, nunca foi incommodado na sua residencia em Lisboa emquanto durou a invasão franceza.

Por este tempo mandou para o Brazil seu filho mais moço, Francisco, que ainda não tinha 20 annos, para servir um emprego em Ouro Preto.

O exercito francez que invadiu Portugal em novembro de 1807 sob o commando do general Junot, principiou logo a soffrer uma grande diminuição em consequencia de molestias e pela guerra de guerrilhas que lhes faziam os corpos de milicias das provincias da Extremadura e da Beira; em 1808 desembarcou na costa de Portugal uma divisão ingleza de 9.000 homens commandados por Lord Wellington, que se uniram com as poucas tropas do paiz; este exercito anglo-portuguez bateu os francezes da Roliça e do Vinheiro, e os obrigou a capitular, embarcando em Lisboa a 15 de setembro de 1808 em navios inglezes que os conduziram á França.

Em 1810 teve logar a terceira invasão de tropas francezas em Portugal, um exercito de 6.000 homens, commandado por Massena chegou ás fortificações que defendiam a capital; por causa dessa invasão uma população immensa das provincias por

onde passou o exercito francez fugiu para Lisboa, muitas mil pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, a maior parte pobres, que não encontraram as commodidades e meios de subsistencia que precisavam ter; accumuladas em pequenas casas aonde não podia haver o necessario asseio, muito soffreu aquella gente emigrada.

Como o cerco de Lisboa durou 10 mezes, de julho de 1810 a março de 1811, appareceu naquella cidade uma molestia contagiosa, a que se deu o nome de «malina». Era uma febre perniciosa biliosa, a qual ainda que não tivesse o character contagioso, foi uma epidemia que matou muita gente, sobretudo dos mais miseraveis; os hospitaes não chegaram para receber os doentes, e muitos foram tratados nos seus domicilios pela caridade publica. Foi então que Mello Franco prestou muitos serviços, tratando a muitos doentes e dando dinheiro aos mais necessitados, que moravam na proximidade de sua casa; além dos beneficios que fez por occasião desta epidemia, elle soccorria sempre a muitos doentes pobres, aos quaes dava medicamentos e dinheiro.

O governo de D. João nunca mandou agradecer e menos remunerar os serviços que por esta epidemia prestaram os medicos de Lisboa. A côrte do Rio de Janeiro, daquelle

tempo não era nada remuneradora pelos serviços que se fizessem.

Todos os dias de manhã ouvia em sua casa a quantos doentes o procuravam, e aos quaes receitava, isto era gratis ; alguns dias estava das sete horas até ás nove da manhã a ouvir os doentes; depois desta audiencia sahia a visitar os doentes em suas casas, recolhendo-se ás duas horas da tarde

Além do grande rendimento que lhe dava a sua clinica, recebia generos de alimentação de todas as qualidades, que lhe mandavam muitos moradores de fóra da cidade, sobretudo pelas principaes festas do anno; no fim de 20 annos de residencia em Lisboa, era o medico mais rico daquella cidade e o de maior credito.

Em 1810 foi nomeado socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, sem que o solicitasse.

Em 1814 chegou da Allemanha seu filho mais velho, Justiniano de Mello Franco, casado e com tres filhos menores; ficou morando no pavimento terreo da mesma casa em que morava seu pae, e, emquanto esteve em Lisboa, deu-se á clinica de partos.

Vamos agora tratar do companheiro de estudos de Mello Franco, e seu intimo amigo.

José Bonifacio de Andrada e Silva depois que terminou a sua digressão pela Allemanha a expensas do gover-

no portuguez, ficou em Coimbra leccionando mineralogia, para cuja cadeira foi nomeado lente pelo reinado de d. Maria 1.^a. Quando teve logar a segunda invasão franceza em Portugal, os estudantes de Coimbra formaram um corpo militar para auxiliar a defesa do reino, e a regencia de Lisboa nomeou José Bonifacio commandante deste corpo academico com a graduação de tenente-coronei, o que foi uma prova de consideração que lhe deu o governo portuguez e mostrou tambem a consideração e estima que naquelle tempo se dava em Portugal aos brasileiros distinctos. Logo que a campanha contra os francezes passou a ser só em Hespanha, dissolveu-se o corpo academico e José Bonifacio veio a Lisboa apresentar-se á regencia do reino por ter terminado a sua commissão militar. Emquanto esteve naquella capital onde residia a sua familia, frequentava diariamente a casa de seu amigo, pois que bastantes motivos tinha para lhe ser grato.

Mello Franco teve em Lisboa intimas relações com pessoas que, depois, nesta côrte, tiveram muita influencia no governo do principe D. João; estas pessoas foram: conde da Barca, José Egydio Alvares de Almeida, depois marquez de Santo Amaro e que foi em Lisboa secretario particular do principe D. João; o dr. Manoel Luiz Alves de Carvalho,

medico da Camara Real em Lisboa, natural da Bahia, bem como José Egydio; estes homens que acompanharam a familia real portugueza para o Brasil, escreviam frequentes vezes a Mello Franco.

Quando o principe D. João tratou de casar seu filho mais velho, D. Pedro, mandou á Vienna d'Austria o marquez de Marialva pedir a archiduqueza d. Leopoldina, filha segunda do Imperador, o que teve logar em 1816. Era ministro da Marinha no Rio de Janeiro o conde da Barca, que mandou armar no porto de Lisboa duas naus para irem á Italia buscar a princeza d. Leopoldina; uma destas náos cahiu ao mar no arsenal de Lisboa a 24 de agosto de 1816 e teve o nome de «D. João 6.º»; a outra náó, «São Sebastião», tinha ido do Rio de Janeiro a Cadiz no mesmo anno de 1816, levar duas filhas do principe D. João, uma para casar com D. Fernando 7.º, e a outra com o irmão deste; estas duas infantas foram acompanhadas até Cadiz pelo marquez de Vallada, o qual regressou de Lisboa para o Rio de Janeiro.

Para este fim fizeram-se nesta côrte as nomeações das principaes pessoas que deviam ir á Italia receber a princeza d. Leopoldina; nestas nomeações teve a principal parte o conde da Barca. Foram nomeados tres fidalgos, dois medicos e um cirurgião: o marquez de Castello Me-

thor, o conde de Belmonte, e o conde de Rio-Maior, primeiro medico Francisco de Mello Franco, segundo medico Bernardino Antonio Gomes, e o cirurgião Antonio de Almeida, os quaes já tinham as honras de medicos da camara real.

Os amigos que Mello Franco tinha no Rio de Janeiro, e que tinham influido para elle ser nomeado, instaram para que elle acceitasse a nomeação, o que provava que elles receiavam que Mello Franco não acceitasse, mas, como ninguem prevê o futuro, cedeu ao empenho dos amigos.

Foi em principio de março de 1817 que chegaram a Lisboa estas nomeações. Mello Franco principiou a vender as suas quatro propriedades e tudo quanto possuia; quando chegou á Lisboa a noticia de ter fallecido no Rio de Janeiro o conde da Barca, já não era occasião de Mello Franco rejeitar a nomeação, e julgou que as intrigas da cõrte tramadas contra elle desde a enfermidade de d. Maria 1.^a estavam extinctas; tambem nisto se enganou, assim como se enganou em tudo que esperava da cõrte do Rio de Janeiro

A regencia ou governo de Portugal, tendo mandado preparar tudo quanto foi preciso, fez sahir as duas náos do porto de Lisboa no dia 6 de julho de 1817.

Estas duas náos, preparadas em Lisboa, tiveram por chefe desta ex-

pedição o chefe de esquadra Henrique da Fonseca de Sousa Prego; commandante da não D. João VI, preparada para receber a princeza, o chefe de divisão graduado Manoel Antonio Farinha, depois nesta cõrte conde de Souzel; commandante da não S. Sebastião, o capitão de mar e guerra Francisco Maximinianno de Sousa.

A despesa em preparar as duas não importou em mais de cem contos de réis fortes, o que foi uma despesa grandiosa e quasi impossivel podel-a fazer o Thesouro de Portugal, apesar de ser em um paiz em que todos os generos eram então extremamente baratos.

Esta despesa foi então muito mais sensivel para o estado financeiro em que se achava Portugal, por ter enviado para o Rio de Janeiro uma divisão do exercito portuguez de 4.800 homens das tres armas, commandada pelo general Carlos Frederico Lecor, depois visconde da Laguna, a qual foi fazer a campanha no sul do Brasil contra o Estado Oriental e tomar Montevideo a 20 de janeiro de 1817.

Estas despesas foram feitas por um Thesouro que então dispunha de tão poucos recursos, por ter terminado a campanha contra os francezes dois annos antes, a qual tinha consumido todos os recursos daquelle reino em uma guerra que durou mais de seis annos. Mostrare-

mos resumidamente em que se gastou tanto dinheiro.

As guarnições das duas náos, compostas de marinheiros e de soldados, tinham muito bons fardamentos; a camara da náo D. João VI, destinada a alojar a princeza, estava adornada com gosto e riqueza, tendo a mobilia mais rica que então se podia fazer em Lisboa; levou uma galeota ricamente dourada com todos os adornos necessarios e 20 remadores com fardamento de calça de panno, jaqueta e boné de velludo azul, tudo com galões de prata. Esta galeota foi destinada para no porto de Liorne embarcar a princeza, porque alli não havia uma embarcação para conduzir a bordo da náo aquella senhora.

Embarcou tambem na náo D. João VI uma banda de musica militar, cujos musicos foram escolhidos entre os musicos dos corpos da guarnição, sendo quasi todos allemães; o seu fardamento consistia em calça e farda azul comprida com galões de ouro, e chapéo armado com pennacho branco. Este era o fardamento rico, de modo que pareciam vinte generaes que tocavam instrumentos e não musicos; isto que dizemos foi tão notavel que estes musicos, desembarcando em Liorne para irem tocar na praça do palacio do governo em um domingo de manhã, a sua presença fez mover o povo daquella cidade para admirar um tal phenomeno

e com razão, por ser a Italia então um paiz muito pobre, aonde nunca se tinham visto musicos com fardas de generaes. Para terminar o que temos que dizer sobre a banda de musica militar, deve saber-se que, chegando ao Rio de Janeiro, foi alojada no paço de S. Christovão, aonde foi sempre bem paga, até ao regresso do sr. D. João VI, para Lisboa, que a levou na sua companhia. Pelo que dizemos, pode-se inferir que de todas as pessoas que a côrte do Rio de Janeiro fez acompanhar a princeza d. Leopoldina, as que tiveram melhor recebimento foram os musicos allemães. Mas voltemos ao embarque de Mello Franco.

Alguns dias antes de deixar Lisboa, foi Mello Franco visitado por toda a gente que o conhecia; soube-se com certeza que algumas pessoas de posição empenharam-se para que não accedesse a nomeação ou se a accedesse não vendesse nada do que possuia em Lisboa, e voltasse para sua casa; mas firme na resolução que primeiro tinha tomado, o que era proprio do seu character, não accitou os conselhos que lhes deram: muitos dos moradores da mesma rua lamentavam a perda que iam ter com a sua ausencia, muitas mulheres pobres choravam pela desgraça em que iam ficar; é quasi impossivel descrevermos agora as scenas de lamentação que se passavam na casa da sua residencia até á ultima ho-

ra em que na sua carruagem sahiu para embarcar, na tarde do dia 4 de julho de 1817. Continuemos agora com a viagem maritima.

As duas naus deviam ser acompanhadas pela fragata portugueza Perola, mas a revolução que teve lugar em Pernambuco em março de 1817 obrigou ao governo de Portugal a mandar aquella fragata para aquelle porto.

Sahiram as duas naus do porto de Lisboa na manhã de domingo 6 de julho de 1817; no dia 9 de tarde passaram por Gibraltar, e entraram no Mediterraneo; o vento bonança do N. O. fez com que a viagem fosse demorada, mas a navegação com bom tempo naquelle mar torna a viagem agradavel á vista das costas de Hespanha e das ilhas Baleares e Corsega, o que entretém e deleita a vista do viajante que pela primeira vez entra naquelle mar: atravessouse o golfo de Leão no dia 23 com vento N. O. fresco, e no dia 25 de julho de manhã fundearam as duas naus na costa de Italia, defronte da cidade de Liorne.

No dia 13 de Agosto de manhã effectuou-se o embarque da princeza d. Leopoldina, sendo acompanhada pelas pessoas que a foram buscar, pelo marquez de Marialva, por um enviado da Austria, que vinha para côrte do Brasil, por quatro senhoras allemãs, suas damas e por sua irmã d. Maria Luiza, casada com

Napoleão 1.º, a qual esteve a bordo até a manhã do dia 15, que desembarcou.

Ao meio dia de 15 de agosto de 1817 fizeram de vela as duas naus; por muitos dias foi o vento do quadrante do N., sempre bonança; passaram á vista de Corsega e depois da costa de Hespanha desde o cabo de Pallos até Gibraltar, com vento bonança e a atmospherá clara, calor moderado, as naus se moviam lentamente até Gibraltar, em que o vento refrescou.

No dia 1.º de setembro passaram pela frente deste porto inglez; alli se achava uma fragata austriaca, que com antecedencia tinha sabido de Trieste para acompanhar as naus ao Rio de Janeiro. No dia seguinte, a 2 de setembro, refrescou o vento pelo N. O., e no dia 5 avistaram a ilha da Madeira, ponto de escala já determinado para refrescar; como na noite de 5 refrescasse mais o vento partiu-se a mastareo do velacho da nau D. João VI; cruzaram os tres navios á vista de terra por seis dias, porque sendo o vento de travessia não podiam fundear no porto: finalmente, no sexto dia do cruzeiro, tendo roudado o vento para N. E., entraram os navios e fundearam no ancoradouro da ilha, tendo a nau já posto á cunha outro mastareo do velacho; com esta avaria perdeu um homem da guarnição.

A 20 de setembro sahiram os tres navios da ilha da Madeira, e sem mais escala entraram no porto desta côrte a 5 de Novembro de 1817.

No mesmo dia foi atracar a nau que conduzia a Princeza, o Principe D. João com seus dous filhos, D. Pedro e D. Miguel; não podendo subir em consequencia de uma molestia que se dizia soffrer em uma perna, veio á galeota a princeza D. Leopoldina e a comitiva que a acompanhava; nessa occasião Mello Franco foi mal recebido pelo principe D. João, então lembrou-se que as intrigas da côrte em 1793 ainda duravam.

Desembarcou e recolheu-se á casa de seu amigo José Egidio, ao largo da Lapa, dias depois foi para uma chacara que alugou em Catumby á viuva d. Antonia Vianna, onde esteve até 20 de dezembro, em que veiu morar na rua Riachuelo.

Mello Franco poucas vezes foi ao paço, e para ir vinha buscal-o seu amigo e collega, dr. Manoel Luiz Alves de Carvalho, que morava em casa de José Egidio depois que falleceu o conde da Barca, com quem elle vivia depois que vieram de Lisboa.

Depois que a familia real portugueza chegou ao Rio de Janeiro, morava no paço de S. Christovão, e era sentinella permanente do principe D. João, Theodoro Ferreira de Aguiar, natural desta côrte, que ten-

do estudado cirurgia em Pariz no fim do seculo passado, tinha ficado em Lisboa, julga-se por ser nomeado cirurgião da camara real.

Residiu em um andar dos predios que Mello Franco tinha na rua em que morava, até que acompanhou a familia real para o Brasil.

Este distincto brasileiro, do qual não nos tinhamos occupado até agora, sendo intimo amigo de Mello Franco, e em quem o príncipe d. João confiava tanto que o fazia pernoitar todas as noites perto do seu quarto, pouco pode fazer a favor do seu amigo e collega.

Quando foi residir á rua do Riachuello principiou a exercer a clinica, apesar de ser pouco conhecido nesta côrte, foi logo procurado por muita gente distincta desta cidade. O seu exercicio clinico durou até março de 1821, que principiou a soffrer da larynge. No fim do anno de 1818, foi morar na rua do Lavradio n. 15, numa casa que reparou á sua custa, pela qual ficou pagando 600\$000 reis cada anno.

Achando-se doente em 1821, como já dissemos, foi em julho desse anno com sua familia para S. Domingos de Nictheroy, a fim de experimentar si o ar do campo lhe fazia algum beneficio; naquelle logar se demorou até janeiro de 1822, em que voltou para a casa da rua do Lavradio. Continuando a peiorar escreveu a seu filho Justiniano, residente na ci-

dade de S. Paulo, para onde sahio a 22 de abril de 1822, acompanhado por um homem de sua amizade.

A residencia da cidade de S. Paulo, não lhe serviu de allivio, porque a medida que o frio foi augmentando sentiu-se peiorar; voltou para esta côrte, embarcou em Santos em uma canôa e chegando perto da ilha de S. Sebastião falleceu no dia 22 de julho de 1822, com quasi 65 annos de idade. Foi sepultado pelos remadores da canoa em que vinha na pequena ilha ao norte da de S. Sebastião, então pouco povoada e chamada ilha dos Porcos e sobre a sua sepultura collocaram uma cruz.

Suas filhas fizeram inventario dos bens que tinha deixado seu pai, o qual não chegou a oito contos de réis; mas havia devedores de mais de sete contos, dos quaes tres perderam-se em poder de dois negociantes, que falliram.

Soube-se tambem que seu filho Justiniano recebeu durante a vida de seu pae quantia superior a vinte contos de réis fortes, mas nunca se poudo saber como Mello Franco gastou a maior parte da fortuna que trouxe de Lisboa.

Sendo ministro da Fazenda o muito honrado Martim Francisco Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifacio, no anno de 1823, e, sabendo das circumstancias em que estavam as filhas de Mello Franco, que elle bem conhecia, mandou comprar a livra-

ria, que elle tinha deixado, de 1.300 volumes, por tresentos mil réis, para se reunir á bibliotheca nacional desta côrte; e posto que aquelles livros tivessem mais valor, o estado do thesouro publico não permittia que se fizessem despesas senão absolutamente necessarias, e só a amizade do ministro da Fazenda e o desejo que elle manifestou de proteger a desgraça daquellas senhoras e que determinou a mandar fazer aquella compra que não era de urgencia para o Estado.

A filha mais moça d. Maria, falleceu em 1828 de tuberculos pulmonares; a mais velha, ficando sem meios de subsistencia, foi soccorrida por alguns annos por pessoas que a conheciam. O fallecido Paulo Barbosa da Silva, mordomo da Casa Imperial, deu-lhe uma pequena casa na rua d. Manoel, por uma das cocheiras do paço, e alli falleceu em janeiro de 1834 com 44 annos de idade; para o seu enterro concorreu o pharmaceutico João Francisco de Pinho com trinta mil réis. Por occasião da sua morte, Paulo Barbosa da Silva requisitou o retrato de seu pae de corpo inteiro e foi então collocado no paço de S. Christovão.

Aqui terminamos a historia de um medico brasileiro que em Lisboa tornou-se notavel por ser o melhor daquelle tempo, quer em Portugal, quer no Brasil, e pela riqueza que adquiriu pela sua profissão na Capi-

pital de Portugal, o qual falleceu pobre na sua patria e deixou suas filhas na indigencia.

Escreveu em 1789 o tratado de educação physica dos meninos; obra que revela o talento de um medico tão moço e com pouco exercicio de clinica, pois que havia tres annos tinha terminado os estudos de medicina em Coimbra.

Em 1814 escreveu o tratado que tem por titulo — Elementos de Hygiene —, obra util a todos, escripta com a maior clareza possivel. Depois que chegou a esta corte escreveu em 1820. — Ensaio sobre as febres do Rio de Janeiro.—Esta obra, apesar de não estar em harmonia com os progressos que já então fazia a medicina physiologica em França, encerra, comtudo idéas de muito alcance, e mostra que Mello Franco já professava theorias que mais tarde foram conhecidas.

A theoria que expendeu neste tratado das febres, da influencia da electricidade sobre o contagio das febres, não foi acceita pelos medicos desta côrte, mas tambem nunca apresentaram as razões que tinham para negar aquella theoria. Esta obra que se publicou em 1828 e as duas antecedentes, foram todas impressas a custa da Academia Real de Sciencias de Lisboa.

Si Mello Franco perdeu toda a sua fortuna no Brasil, por causa do conde da Barca, que se enganou nos seus

calculos, quem está ao facto da posição social que aquelle medico teve em Lisboa, pode dizer que elle não devia ter accedido a nomeação que foi do Rio de Janeiro.

Devia continuar a desfructar o que possuia, e cinco annos depois, quando o grito de independencia do Brasil se fez ouvir em Portugal, e que chamou a todos os brasileiros que se recolhessem ao seu paiz natal. devia então vir Mello Franco viver em paz o resto de seus dias. Teria vendido com mais socego as suas propriedades, e não teria encontrado no Rio de Janeiro os inimigos que o odiavam, e que cercavam o Principe, depois rei d. João VI.

Naquelle tempo só os validos da côrte é que viviam bem no Rio de Janeiro, como Lobatos, Targinis, Frei Custodio, Azeredo, e ainda outros individuos de esphera muito inferior, que o povo apontava como taes, e que absorviam as rendas do Estado, pelo que não se pagava a muitos servidores da nação.

Os homens honrados, intelligentes, os homens sabios, não tinham entrada neste circulo da côrte do Rio de Janeiro, a que presidia o ministro do reino. Thomaz Antonio de Villa Nova de Portugal, inimigo declarado de Mello Franco. Muito tinhamos que escrever si quizessemos aqui apresentar o character e os costumes dos homens que pela maior parte compunham a côrte do sr. D. João VI em-

quanto esteve no Rio de Janeiro; mas isso deve ser reservado para o historiador politico.

O elogio historico de Mello Franco, lido na sessão publica da Sociedade de Medicina de 24 de abril de 1831, pelo conselheiro dr. José Martins da Cruz Jubim, termina do modo seguinte:

«Assim vêde, M. S., que ao mesmo tempo que toda a pompa deste mundo se anniquilla no tumulo, os pensamentos do homem sabio, que escreveu para as gerações futuras, brillam com novo esplendor, e os ataques reunidos da intriga e da inveja nada mais podem sobre a sua reputação; que o merito, e sómente o merito marca o logar, que elle deve occupar, deante da posteridade, e a gratidão nos força a estas demonstrações sinceras e de veneração e respeito. Tende sempre presentes estas verdades, ellas vos dão alento para seguir os passos do homem illustre, cuja morte deploramos, e de certo não será debalde, que um tal exemplo é posto deante de vossos olhos».

Documento n. 1

«Em nome de Deus, amem.

D. Francisco Raphael de Castro,
Principal da Santa Igreja Patriar-
chal de Lisboa, do Conselho de S.
M. Real, Reformador e Reitor desta
Academia de Coimora, etc.

Juntamente com a mesma illustre Universidade, publicamente attestamos e certificamos a todos e cada um a quem interessar a leitura da presente carta que o nosso dilecto Francisco de Mello Franco, filho de João de Mello Franco, natural das Minas do Paracatú, obteve com honras e louvores, da nossa Academia de Coimbra, o grau de bacharel pela Faculdade Medica e Cirurgica, depois de feitos os cursos de costume e prestado exame publico, no qual foi unanimemente approved pelos sapientissimos professores, observadas rigorosa e solemnemente as demais regras, segundo os estudos da predita Universidade: tambem lhe foi conferido o mesmo grau de bacharel pelo sapientissimo dr. Manoel Antonio Sobral, meritissimo professor, após haver jurado defender em publico e em particular a Immaculada Conceição da Virgem Maria Mãe de Deus, no dia 15 de junho de 1785, conforme foi annotado no livro de exames, actos e graus do mesmo anno, a fls. 229 v., do que demos publico testemunho, entregando ao mesmo benemerito bacharel esta carta, que vai por nós subscripta e acompanhada do sello da Universidade. Dada em Coimbra, aos 4 de agosto de 1786. Eu Gaspar Honorato da Matta Silva, pelo-secretario, a subscrevi Principal, de Castro Reformador e Reitor». Manoel Pedrosa de Lima.

Documento n. 2

«Eu, a rainha, faço saber a vós d. Thomaz de Lima Vasconcellos Nogueira Telles da Silva, marquez de Ponte de Lima, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, presidente da Conselho de minha real Fazenda, Real Erario, Real Junta de Commercio e meu Mordomo Mór: Que tendo consideração ao merecimento do dr. Francisco de Mello Franco, natural da Capitania das Minas Geraes, filho de João de Mello Franco: Hei por bem, e me praz de o nomear por medico honorario de minha Real Camara, sem que vença cousa alguma de minha Real Fazenda, gosando sómente das honras, e privilegios concedidos aos mais medicos ordinarios de minha Real Camara. Mando-vos o façaes assentar no livro da matricula dos moradores de minha Casa, em seu titulo com as referidas declarações: E não pagou novo direito pelo não dever; como constou por certidão passada pelos officiaes competentes dos mesmos direitos. Lisboa, nove de junho de mil sete centos noventa e tres. Principe—Marquez Mordomo Mór.

Documento n. 3

«Em nome de d. João, principe do Brasil, regente de Portugal, magna-

nimo protector da Academia de Sciencias de Lisboa.

Por decreto da Academia de Sciencias de Lisboa e por unanime votação ficou deliberado que o illustrissimo varão Francisco de Mello Franco seja contado no numero dos socios, que seu nome seja inscripto nos registos, que a honra e a dignidade da Academia lhe seja conferida em razão do grande valor de seu talento e illustração. Que elle possa usar e gosar dos privilegios e honras de que gosam os demais socios e que por este titulo lhe seja dado publico testemunho dessas prerogativas. Academia de Lisboa, 28 de fevereiro de 1810. Fernando Maria Gomes de Redondo, pelo presidente. João Guilherme Christiano Müller, secretario da Academia. Escripto no Rio de Janeiro em maio de 1871. (*)

*
*
*

Na época em que Francisco de Mello Franco escreveu a obra que tem por titulo—Elementos de Hygiene—, as sciencias medidas não estavam adiantadas como hoje estão; entretanto, esta obra que interessa a todos porque ensina como se deve conservar a saúde e prolongar a vida, foi escripta em um estylo claro para

(*) Pelo illustrado latinista professor A. Affonso de Moraes, foi feita a traducção dos tres documentos acima transcriptos.

que todos a entendam e façam applicação dos seus principios para nos preservarmos das molestias quanto for possivel a que está sujeita a especie humana nos differentes logares do globo que habitamos, e por consequencia a influencia dos diversos climas que nelle se encontram, os quaes modificam o nosso organismo de um modo evidente. Seu auctor considerou as principaes materias da hygiene dividindo-as em capitulos, os quaes comprehendem os alimentos, as bebidas, o vestuario e o exercicio e repouso, objectos estes, que têm mais immediata influencia sobre a existencia do homem.

Tratou tambem do ar. sua composição, da electricidade, galvanismo, dos ventos e da sua influencia sobre a especie humana; todos estes objectos foram tratados com muita proficiencia, attendendo ao tempo em que foram escriptos, o que faz com que esta obra tenha ainda hoje muito merecimento e seja considerada util a muitos respeito, servindo para ser consultada por aquellas pessoas que quizerem observar as regras de hygiene afim de conservar a saude, por estas razões será sempre lida com interesse. No fim, faz o auctor algumas reflexões ácerca de algumas particularidades em o nosso regimen, as quaes julgamos util transcrever, porque, á vista do

que elle diz, melhor se julgará do merecimento desta obra.

«Tudo o que temos de dizer neste breve additamento ao nosso trabalho, fica mais ou menos especificado nas differentes secções, que o compõem: querendo, porém, poupar aos nossos leitores o incommodo de tirar inferencias do que tem lido, pareceu-nos conveniente fazer as seguintes advertencias, todas derivadas dos principios que ficam estabelecidos.»

«*Regimen das pessoas robustas.* O que primeiro se offerece á nossa lembrança é a concisa doutrina do eloquente Celso, que assim nol-a deixou escripta:—Cumpre que o homem são e forte senão cinja a um modo de viver uniforme, nem ás regras da medicina; porquanto, ora deve estar no campo, ora na cidade; mas alli a maior parte do tempo.

Deve navegar, caçar, algumas vezes descansar, as mais dellas, porém, exercitar-se, porque a inercia embrandece o corpo, e o exercicio o enrija: aquella apressa a velhice, este prolonga a mocidade. Aproveita igualmente usar umas vezes do banho morno, outras delle frio. Não deve fugir de alimento algum, de que usa o commum do povo. Convem achar-se umas vezes em banquetes e outras evital-as. Em algumas occasiões deve comer mais do ordinario, em outras menos. E' melhor fazer cada dia duas sufficientes

comidas do que uma, comtanto que o estomago digira sem trabalho.»

«Nestas poucas regras compendiou Celso o que é mais essencial ás pessoas de constituição robusta, as quaes todavia não ficam dispensadas de guardar no geral duas regras, que fazem o fundamento da vida longa e sadia, isto é, a moderação e a simplicidade dos alimentos.

Pelo que pertence á primeira, temos para nosso regulador a sensação do appetite, que nos convida a comer; mas de tal sorte lhe devemos obedecer, que por via de regra não haja notavel demasia.»

«Si os alimentos são simples, de ordinario não ha excesso. Todos os animaes nos podem a este respeito, assim como a outros muitos, servir de modelos; porque tomando-os elles, taes quaes os dá a natureza, nunca se demasiam: os homens, porém, transgressores voluntarios das suas leis, fugindo da saudavel simplicidade, tem excogitado diferentes modos de compor e adubar as suas comidas com substancias acres e nimiamente estimulantes, para cue, irritado o paladar, possam por mais tempo lisongeal-o; o que faz, com que o estomago seja, sobremaneira, carregado, e a voz da natureza confundida com mil estudados artificios que lentamente gastam as forças da vida e arruinam a saude.»

«Em segundo lugar, a simplicidade não deve ser considerada tão somente quanto ao que diz respeito á preparação dos alimentos, mas também em attenção ao uso que delles fizermos; porquanto devemos tomar como regra geral não misturar ao mesmo tempo iguarias de diversas naturezas; o que é egualmente applicavel aos vinhos, que do mesmo modo não devem ser misturados.»

«As pessoas robustas não se dão bem com os comeres de facil digestão; porque as forças dos seus órgãos chyliteros hão mistér substancias mais grosseiras e compactas, em que se impregnem: de outra maneira o estomago cahirá em debilidadade; e todos os systemas organicos que participam da sua influencia, perderão grande parte da sua energia. Logo o modo de cada um se alimentar é relativo á constituição, ao clima, á estação, ao exercicio e aos empregos. O homem occupado em cultivar a terra, e o que por outro qualquer modo exercita trabalhos pesados, deve servir-se de alimentos que resistam á acção do estomago e dos succos gastricos; e o que é util e preciso aos que vivem sedentariamente, lhes seria mui prejudicial; e, invertido o caso, outro tanto deve succeder.»

«E' de egual importancia a escolha dos mesmos alimentos, de que nos servirmos, os quaes devem ser sãos, e da melhor qualidade; mas porque

o povo é commummente ignorante, e inconsiderado, e só procura o barato sem examinar as qualidades, é preciso que uma policia severa vigie sobre os comestiveis que se poem em venda, para que mande destruir tudo o que não está são e perfeito; porque esta falta de cuidado tem sido origem de gravissimas epidemias.

Os grãos que por antigos, ou mal acondicionados se alteraram, e corromperam, se forem empregados em pão, convertem-se em veneno, que o povo compra com o dinheiro, que tanto suor lhe custa

São portanto inimigos crueis da sociedade os egoistas, que na esperança de maior lucro os escondem; mas achando-os depois, como em castigo alterados e meio corruptos. para não perderem tudo, os vendem a poder de barato. seguros de que o povo não resiste a este atractivo.

Como o pão é base do nosso alimento, deve haver nelle a maior vigilancia; e depois d'elle seguem-se o peixe e as differentes carnes: aquelle sendo de mui facil corrupção e insupportavel para todos, quando assim está, pouco pode prejudicar; porque affugenta os compradores: estas porém, ainda que não estejam alteradas. podem ser de um animal doente, que deshumana avareza arrasta aos matadores; e tanto peor será, se a doença for epizo-

otica. Como pois neste caso ninguem pode adivinhar o estado em que elle foi morto, deve a policia mui particularmente examinal-o, fazendo rejeitar todo o animal, que não der evidentes mostras de saude.

Muitos desastres desgraçadamente flzeram conhecer aos homens, quão nocivo é o uso de semelhantes carnes.

«Sckenkins f.z menção de uma dysenteria epidemica, que assolou Veneza e Padua em 1599, por se terem servido os seus habitantes da carne de alguns bois doentes, que, os marchantes tinham trazido da Hungria. Kincher refere que em Italia os camponezes foram atacados em 1617 de molestia de garganta por terem comido carne de bois doentes do mesmo mal.

Poderiamos referir um sem numero destes factos desgraçados, se entendessemos que a sua relação poderia contribuir para a inteira convicção de uma verdade, que a ninguem pode ser escondida.»

«*Regimen das pessoas debeis e delicadas.* Por pessoas debeis e delicadas entendemos as que são dotadas de constituição franzina, e que são para pequenos e pouco trabalho.

Não devemos todavia confundil-as com as valetudinarias, porque aquellas ainda que debeis são sadias, e gosem de competente saude, estas porém, são achacadas, vivem de or-

dinario incommodadas, e estão quasi sempre debaixo das regras da medicina.»

«De muitas e diversas cousas pode resultar a constituição delicada hoje em dia tão geral nas grandes cidades; taes são:

1. A delicadeza dos pais, que muitas vezes já teve origem nos seus antepassados; e que progressivamente se vai augmentando pela permanencia das causas pregressas as quaes commummente procedem de um modo de viver abusivo assim no physico como no moral, tão fora das leis da natureza.

2. Varias molestias, que os nossos maiores não conheceram, e que ha tres seculos tem lentamente alterado o antigo vigor dos Européos.

3. O reprehensivel costume de não criarem as mães abastadas seus proprios filhos, entregando-os ao cuidado de amas mercenarias, e as mais das vezes contaminadas de molestias occultas, que passam com o leite impuro aos desventurados innocentes, que depois, se por acaso vivem, as transmittem á sua posteridade.

4. Succede quasi sempre que, quanto mais debeis são os filhos, maiores extremos e desvellos com elles praticam os pais, *abafando-os* muito, não lhes permittindo que gosem de ar livre e menos que façam o exercicio que a natureza lhes inspira, e que é o unico meio de emendar até

certo ponto a debilidade com que nasceram.

5.° Cresce a idade e com ella se vão arraigando os abusos dieteticos já na qualidade e quantidade dos alimentos, e já na irregularidade com que se tomam; o que por ultimo vem a confirmar para sempre a debilidade da constituição.

6.° A cega medicina empirica dos *Medicastro*s que tanto abusam da credulidade do povo, e mais não diremos a este respeito, porque o deixamos á consideração dos nossos leitores.

Assim como transcrevemos o que nos ensinou o judicioso Celso no que toca ás pe-soas robustas, egualmente nos parece muito a proposito fazer outro tanto trazendo para este logar as regras que lhe deu e que dizem mais respeito ás constituições, delicadas, taes são as seguintes:

«Aos debeis (em cujo numero entra a maior parte dos habitadores das cidades e quasi todos os amantes das lettras) deve-se recommendar maior cuidado em si; para que a observancia dos dictames que vou dar, emende os males que lhes causam a sua debil compleição, a pouca salubridade do logar em que vivem, e a applicação aos estudos.

Aquelles pois que fizeram boa digestão, devem levantar-se de manhã cedo; os que a fizeram menos boa demorem-se na cama por mais tem-

po; e se a necessidade os obrigar a fazer o contrario, busquem outra vez o somno pelo dia adeante; os que a fizeram má devem inteiramente repousar, fugindo do trabalho, do exercicio e das occupações.

Aos que arrotam o comer, não digerindo sem dor no epigastrio, convém beber separadamente agua fria, e não comer emquanto não sentirem o estomago desembaraçado. Deve habitar-se casas claras, ventiladas de verão, assoalhadas de inverno; fugir do sol do meio dia, do frio da manhã e do fim da tarde, não respirar as exalações dos rios e menos das aguas encharcadas, e de nenhuma sorte expor-se ao sol, quando descobre, estando o ceu nublado para se evitar a alternativa de frio e de calor. o que é causa principalmente de defluxos e affecções catarrosas.

Com maior attenção se devem observar estas regras nos logares taxados de insalubridade, onde até se origina pestilencia. Cumpre saber que o corpo está em perfeita saude, quando a ourina de manhã é alambreada e depois açafroada: aquella indica que se faz a cocção, esta que já foi feita.

Quando alguém esperta do somno, deve repousar por algum tempo, e depois a não ser inverno enxaguar a bocca com muita agua fria.

Nos dias grandes é melhor dormir a sésta antes de comer, si são pequenos depois; de inverno princi-

palmente convém descansar toda noite. Si, porém, houver necessidade de fazer applicação, não seja em cima do comer, mas depois da digestão.

Aquelles que por muito tempo se empregaram ou em officios domesticos ou publicos devem reservar algum para cuidar em si; cujo cuidado consiste no exercicio que deve proceder sempre á comida a ser mais extenso para os que tem trabalhado menos e fizeram melhor digestão, e mais moderado para os que estão em caso opposto.

Commodamente se exercitam os que leem em voz alta, que se dão á esgrima, ao jogo da bola, da laranjinha, do bilhar, da pella, á carreira, ao passeio, que é mais util não sendo o terreno plano. pois o subir e o descer fazem variedade e move-se o corpo de diversos modos, mas é todavia preciso que não esteja muito debilitado.

E' melhor se for em ar livre, do que debaixo de coberta; melhor (si a cabeça o permite) ao sol, do que á sombra, melhor á sombra de muros e de ruas de arvores, do que á de telhado, melhor se for em linha recta, do que em caminho tortuoso.

Mas deve o suor as mais das vezes indicar o termo do exercicio, e sempre o indicará certo languor, sem que chegue todavia á fadiga: e isto mesmo se deve fazer ora mais e ora menos.

Para estes não pode haver, como para atletas, uma lei certa, sinão que o trabalho seja moderado. Depois do exercicio convem muito umas vezes a uncção ou ao sol, ou ao fogo, outras o banho, mas em aposento assaz alto, claro e espaçoso. Algumas vezes nenhuma destas cousas convem fazer, mas, as mais dellas ambas juntas, segundo a natureza do corpo. Depois do que é preciso descansar algum tempo.

A respeito dos alimentos digo, que nunca é util a excessiva saciedade; e que é inutil a demasia da abstinencia. Se houver alguma inteperança, é mais damnosa no beber, do que no comer.

E' mais conveniente principiar a mesa por comeres picantes, hortaliças e outras cousas deste genero, e depois passar á carne, que é melhor, ou assada ou cosida. Todos os guisados e massas são por duas razões nocivas, porque o paladar vai após o prazer que nelles encontra, e porque são comeres de mais difficil digestão.

A segunda mesa não prejudica ao estomago bom, mas promove asia no que é fraco. Portanto o que estiver nestas circumstancias fará bem em se contentar com figos, pomos e outras cousas desta qualidade.

Depois de se beber largamente, e mais do que pede a sede, nada se deve comer; e depois de se estar plenamente satisfeito, nada se deve

fazer. Neste segundo caso é util para melhor digestão beber em cima agua fria, estar por algum pouco accordado, e depois dormir, que será tranquillamente. Depois de se ter comido abundantemente, deve-se evitar o frio, a calma e o trabalho; pois tudo isto não faz tão facilmente damno, estando o estomago vasio.

Si, porém, por qualquer motivo houver *inedia* não se deve trabalhar.

Nem convem passar da muita fome á nimia saciedade, nem desta a mingua. Nem deixa de prejudicar a subita passagem do muito trabalho para o minimo descanso, nem a deste para a fadiga.

Portanto, quando algum quizer fazer alguma mundança deve ir se acostumando passo a passo. E' tambem certo que um rapaz, ou um velho supportam melhor qualquer trabalho, a que estão acostumados, do que um homem feito, não tendo costume de semelhante exercicio».

Esta é a doutrina do conspicuo medico romano, que Lommio amplamente commentou. E' indubitavel que as pessoas debeis devem governar-se por modo differente daquelle que seguem as fortes e robustas; mas não deve ser levado a escrupuloso melindre, que só servirá de augmentar a debilidade e de produzir molestias que não existiam. Todas as que refletirem em si, chegando a certa idade, deverão conhecer o que lhes tem feito bem ou mal; e

com este conhecimento querendo ser prudentes evitarão o que tiverem observado contrario á sua natureza.

E' lhes mui preciso, seguindo certa mediania (no que está todo o segredo) procurar passo a passo a mudança da sua debil constituição para outra mais forte e vigorosa; e nunca se deverão tratar como invalidos; aliás, virão a sel-o.

Não ha duvida que uma pessoa fraca, se está em boa idade e se observar as regras de uma hygiene racional, chegue a conseguir sufficiente grau de robustez, e que viva uma longa vida.

Todos os escriptores se lembram de referir o exemplo de Carnaro, que tendo aos trinta e seis annos a sua constituição inteiramente arruinada por uma absoluta dissipação, tomou o firme proposito de viver segundo as regras da prudencia, dando de mão a todas as causas da sua ruina, e observando em todas as cousas um estricto regimen; e esta heroica resolução foi premiada com quasi um seculo de vida.

Verdade é que mui raros são os Carnaros, que tenham a firmeza de pôr para sempre de parte as causas que lhes estragarão a natureza aliás muitas vezes bem constituida.

Esta gente, por assim dizer, isensata recorre aos medicos, para que lhe dêem a mão no meio dos principios, de que se vê cercada; mas é

desgraça que pretenda pôr-se a salvo no caminho da saúde com o socorro de meia duzia de drogas pharmaceuticas, que nada podem fazer, ainda sendo exactamente tomadas; porquanto o primeiro, e principal remedio é desterrar de uma vez as causas, que motivarão, e que vão augmentando a destruição da sua machina. Protestam-lhe os professores, que é absolutamente necessaria uma perfeita reforma no modo de viver, e que della depende a vida e a saúde; mas os habitos contrahidos podem mais do que os conselhos, e do que a propria razão.

Continua a desordem; e por ultimo a natureza como em desaggravo faz o seu dever: morre o doente. Levantam-se então clamores contra os medicos e até contra a medicina; mas não lembra que o doente foi indocil, foi imprudente e que falleceu sem cuidar em corrigir a mais pequena desordem no seu indiscreto comportamento; mas não lembra, que Carnaro se quiz conseguir uma existencia prolongada principiou pela sua total reforma.

Deveriam, portanto, todos os medicos, quando encontram taes doentes, retirar-se francamente, deixando-os entregues aos seus desatinos; pois sómente desta sorte podem salvar o seu credito, honrando a sua profissão; e assim se poupariam a muitos inuteis desgostos, quaes, repetidas vezes, experimentam os clinicos: para

o que deveriam, depois de reconhecerem as causas efficientes das indisposições de qualquer doente, o transtorno de vida, pactear com elle; 1º. que as ha de efficazmente desterar; 2º. que se obriga a pôr em practica, quando se lhe aconselhar remedios e regimen; 3º. que debaixo destas condições, elles medicos empregarão todas as suas forças e diligencia para o restabelecimento da sua saude; 4º que a não haver um inteiro cumprimento de ambas as partes por si mesmo ficará dissolvido o contracto.

Rarissimas vezes é isto preciso com os enfermos de molestias agudas e vehementes; porque então, vendo em braços com a morte, a tudo estão sujeitos.

Dá-se sómente este caso com os que, gozando ainda de uma meia saude, cuidam de estragar o resto na continuação das suas desordens, sem darem ouvidos nem aos conselhos, nem as ameaças, que deveriam confundil-os pelo terrivel prognostico de uma ruina inevitavel.

Não advertem que em todas as causas que quem pretende os fins, deve dispor os meios apropriados; e que quanto mais serio é o negocio, maior deve ser o estudo de os empregar discretamente; e que mais importante pode elle ser sobre a terra, do que o da vida, e da saude?

Seja finalmente esta breve digressão o remate desta nossa tarefa, que

só teve por mira o desejo de ser util aos nossos concidadãos, quanto cabe em as nossas tenues forças.

Sirva elle pelo menos de despertar os fecundos engenhos portuguezes, que, esquecidos da gloria litteraria dos seus antepassados, se têm deixado adormecer por tanto tempo.

Imitemos, nós que por vida nos demos ao penoso trabalho das letras, o heroico fervor com que os defensores da religião, da patria e do principe se tem distinguido no campo de Marte; fazendo emulação ás nações mais guerreiras e recobrando a perdida fama militar, com que os nossos maiores haviam feito respeitar nas quatro partes do globo a valerosa nação Portugueza.

